



RESUMO DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Cooperação em Questões de Segurança Regional no Magreb e no Sahel: a Ambivalência Fundamental da Argélia

POR LAURENCE AÏDA AMMOUR

- ◆ Os esforços para combater a crescente influência da Al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI), no Magrebe e no Sahel são inconsistentes devido à incapacidade de países vizinhos de forjarem parcerias de colaboração.
- ◆ A Argélia tem uma atitude ambivalente quanto a combater a AQMI no exterior das suas fronteiras uma vez que retira muita da sua influência geoestratégica da sua insistência na gravidade da ameaça terrorista.
- ◆ A legitimidade relativa do governo argelino, que decorre principalmente da sua capacidade de garantir a estabilidade, prejudica uma estratégia regional mais abrangente.

DESTAQUES

A virulência crescente da Al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) tem agravado as preocupações sobre a instabilidade no Magrebe e no Sahel. Nos últimos anos as milícias da AQMI realizaram operações em extensas faixas do norte da Mauritânia, Mali, Níger e sul da Argélia. O sequestro de estrangeiros, o contrabando de automóveis e de tabaco, o tráfico de drogas e de armas, levam muitos a considerar as motivações da AQMI como de índole mais criminosa do que política ou religiosa, opinião que viria a ser confirmada por uma “cimeira” realizada na Guiné-Bissau entre traficantes colombianos e a AQMI—representada por Abdelkarim Targui, conhecido como “O Tuareg”—no final de Outubro de 2010.¹

O rapto de ocidentais é privilegiado devido à grande cobertura dos média que assegura, e do que oferece ao grupo, em termos de visibilidade, alavancagem e receitas (estimadas em 70 milhões de dólares nos últimos anos). Com efeito, a AQMI já terá obtido por este meio quantidades significativas de armas e dinheiro. Os sequestros de grande impacto põem igualmente em causa o turismo e investimentos económicos vitais como o Gasoduto Trans-Saara, destinado a transportar gás nigeriano, através do Níger e da Argélia, para a Europa, a partir de 2015.

Os riscos de instabilidade têm sido ainda agravados com a proliferação de armas que fluíram para a região após o colapso do regime de Kadafi na Líbia. As

TABELA. COMPARAÇÃO DE MEIOS MILITARES NO SAHEL (2009–2010)		
País	Despesas militares em milhões (\$USD)	Forças militares
Argélia	5,300	147,000
Burquina Faso	110	11,200
Chade	436	23,350
Mali	174	7,750
Mauritânia	115	15,870
Níger	53.1	5,300

Fonte: SIPRI Yearbook 2010: *Armaments, Disarmaments and International Security* (Stokholm: Stockholm International Peace Research Institute, 2010); and *International Institute for Strategic Studies (IISS), The Military Balance 2010* (London: IISS, 2010).

armas roubadas e o regresso de mercenários experientes podem reforçar a capacidade da AQMI, a violência do tráfico ilegal e o risco de insurgência em vários países do Sahel. O ressurgimento de grupos rebeldes tuaregues no norte do Mali, que, em Janeiro de 2012, travaram violentos confrontos com as tropas do governo nas cidades de Aguelhok e Tessalit, reforça esta preocupação.

Existem também provas de colaboração entre a AQMI e a Boko Haram, organização radical islâmica baseada na Nigéria, responsável por um número crescente de ataques violentos, incluindo o atentado suicida na sede da ONU em Abuja, em Agosto de 2011, que matou 24 pessoas, e uma onda de atentados em Janeiro de 2012, que fizeram mais de 200 mortos em Kano, segunda maior cidade da Nigéria. Os serviços de informações nigerianos indicaram que alguns membros do Boko Haram haviam sido recrutados por um argelino, Khaled Bernaoui, e treinados num campo do sul da Argélia desde em 2006.²

Apesar da gravidade destas ameaças e das suas implicações de natureza transnacional, a cooperação em questões de segurança regional permanece fragmentada. A Argélia encontra-se aparentemente bem posicionada para liderar o esforço de cooperação no domínio da segurança. Sendo o maior país do Magrebe, a Argélia situa-se na encruzilhada do Mediterrâneo, do mundo árabe e de África. É membro de diversas organizações regionais e internacionais,

como a Organização da Conferência Islâmica, a Liga Árabe, a União Africana, o Diálogo Mediterrânico da OTAN e a Nova Parceria para o Desenvolvimento de África. Com uma economia de 200 mil milhões de dólares e reservas consideráveis de petróleo e gás (que representam 97 por cento das exportações), a Argélia é o país mais rico da região, e atribui seis vezes mais recursos ao seu orçamento militar do que a totalidade dos seus vizinhos do Sahel (ver tabela). As forças armadas da Argélia, além de serem as maiores, são consideradas as mais bem equipadas da região e as mais experientes em combate e no terreno. Apesar destes meios, a Argélia tem sido bastante mal sucedida no preenchimento do vazio de liderança na região. Esta análise debruça-se sobre os motivos e as possíveis consequências deste fracasso para a segurança regional.

QUE TIPO DE COOPERAÇÃO PARA COMBATER QUE TIPO DE AMEAÇAS?

As autoridades argelinas negam a existência de uma ligação entre os grupos terroristas nacionais da Argélia e a AQMI, apesar das origens argelinas do grupo, considerando antes a AQMI como um novo tipo de organização terrorista movida por uma ideologia extremista. Os estados do Sahel, pelo contrário, sublinham a actividade criminosa do grupo e o seu envolvimento no tráfico de drogas e de armas como o aspecto mais perigoso da ameaça que a AQMI representa a nível regional.

A própria incapacidade de definir a natureza do desafio explica e determina a fragmentação da resposta regional. As clivagens são marcadas por desacordos frequentes e um grande desequilíbrio em termos de capacidades, que determina a forma como cada parte encara a ameaça. Em virtude dos seus meios militares,

Laurence Aïda Ammour é consultora internacional de segurança e defesa na GéopoliSud. É consultora e investigadora de Les Afriques dans le Monde no Instituto de Ciências Políticas em Bordeaux.



superiores aos dos estados do Sahel, a Argélia insiste na primazia da sua abordagem, assente na experiência de combate aos extremistas durante a brutal guerra civil da década de 90. Os estados do Sahel, no entanto, opõem-se à estratégia exclusivamente militar da Argélia, que negligencia considerações de ordem económica, social e política que os países do Sahel consideram estar associados à instabilidade na região. Duvidam de que a estratégia resultasse a nível regional, já que o exército argelino tem sido incapaz, pelo uso exclusivo da força, de eliminar o terrorismo no seu próprio solo ao longo das últimas duas décadas.³

A natureza híbrida da AQMI complica a situação. O grupo encontra-se dividido entre uma célula do norte, que realiza ataques terroristas em Cabília e na região de Argel, e duas células no Sul envolvidas em sequestros e no crime organizado no Sahel (ver mapa). As distintas redes geográficas do grupo parecem agir de forma autónoma, sem coordenação entre si, ou mesmo em concorrência. De certa forma, a AQMI continua fundamentalmente argelina em termos de origem e liderança. Noutros aspectos está a tornar-se um grupo de insurgência de escala regional, bem integrado nas comunidades locais, que possui ligações com agentes do governo e de

segurança, bem como com traficantes de droga locais (entre os quais saraús, do disputado território do Saara Ocidental) e outras organizações criminosas.⁴

Deste modo, cada um dos países confrontados com ataques ou sequestros da AQMI reage de acordo com a sua própria avaliação da ameaça, fortemente influenciada por considerações políticas internas. Desta situação resultam em grande medida a disparidade e descoordenação das decisões operacionais.

No contexto desta descoordenação de esforços, Argel tentou sempre centralizar “a guerra contra o terror” no Saara e no Sahel, reservando a si própria o papel principal. Em Abril de 2010 foi criado em Tamanrasset, na Argélia, um Comando Militar Conjunto (CMC), incluindo a Argélia, o Mali, a Mauritânia e o Níger. Este órgão foi incumbido de implementar um novo plano de segurança regional, com forças conjuntas de monitorização que se esperava viessem a totalizar 75 mil elementos. embora as tropas ainda não tenham sido formalmente destacadas.

Iniciativas regionais deste tipo são frequentemente prejudicadas pelo receio que a Argélia tem de ver os seus parceiros operarem de forma independente e em detrimento dos seus interesses. Assim, uma série de

operações de contraterrorismo na Mauritânia, de Julho de 2010 a Fevereiro de 2011 (a última das quais frustrou uma conspiração para assassinar o presidente mauritano Mohamed Ould Abdel Aziz) e uma operação conjunta França-Níger em Fevereiro de 2011 contra os sequestradores de dois jovens cidadãos franceses foram vistas por Argel com profunda desconfiança. Longe de incentivar esses esforços, o governo argelino temeu a criação de alianças regionais das quais pudesse ser excluído, especialmente por as relações entre a Mauritânia e Marrocos terem melhorado desde a eleição de Aziz, em Julho de 2009.⁵ Em 26 de Setembro de 2010 a Argélia convocou uma reunião de emergência dos Chefes de Estado Maior dos países do Sahel, em Tamanrasset, numa tentativa de recuperar o controlo sobre o planeamento e cooperação regional. A reunião levou à criação de uma célula central de recolha de informações com sede na capital argelina, para facilitar a coordenação entre os países do Saara e do Sahel, longe dos ataques ocorridos no Sahel.

Quando os peritos de segurança do G8 se reuniram mais tarde em Bamako, a 13 de Outubro de 2010, com a participação de Marrocos, o governo argelino reagiu com fúria, recusando o convite e reiterando a sua oposição a qualquer tomada de decisão conjunta envolvendo os países ocidentais.

“se o exército argelino tem sido incapaz de eliminar o terrorismo no seu próprio solo, ao longo das últimas duas décadas, pelo uso exclusivo da força, como poderia a sua estratégia resultar a nível regional?”

Registam-se alguns sinais de cooperação, com a realização da primeira reunião do CMC em Bamako, a 29 de Abril de 2011, e o estabelecimento de uma agenda de segurança regional em Maio do mesmo ano. Além disso, preocupados com o risco de contágio da instabilidade criada pela Líbia, os Chefes de Defesa da Argélia, Mali, Níger e Mauritânia reafirmaram o seu compromisso com os objectivos do CMC.

Em termos operacionais, as Forças Especiais da Argélia, Mali e Níger realizaram os primeiros exercícios conjuntos na região de fronteira entre os três países a 2 de Junho de 2011, em antecipação dos riscos provenien-

tes da crise líbia. No dia 9 de Junho de 2011 em Ségou, Mali, tropas da Mauritânia e do Mali coordenaram com sucesso uma ofensiva sofisticada na floresta Wagadou que neutralizou um campo de abastecimento da AQMI. E em Dezembro de 2011 a Argélia enviou pela primeira vez instrutores militares para o norte do Mali.

No entanto, estes “êxitos” não superaram divergências fundamentais em torno da natureza das ameaças na região Saara/ Sahel e das estratégias necessárias para as vencer.

FALTA DE CONFIANÇA

A escassa cooperação regional também se deve à falta de confiança existente. A Argélia considera o Mali o “elo mais fraco da cadeia” e acusa o país de não estar empenhado na luta contra a AQMI. Argel questiona a fiabilidade do governo do Mali em relação à expansão da rede da AQMI e a sua capacidade de partilhar e proteger as informações indispensáveis para uma cooperação regional. A Argélia censura particularmente o Mali por tolerar e facilitar o pagamento de resgates à AQMI em troca da libertação de reféns europeus, prática a que o governo argelino se opõe firmemente.

Por seu lado, os agentes de segurança dos estados do Sahel encaram o terrorismo como uma “exportação” argelina, já que os líderes da AQMI são na sua maioria argelinos. E reforça a convicção amplamente difundida de que o serviço de informações da Argélia—*Département du Renseignement et de la Sécurité*—ao infiltrar-se no passado em grupos terroristas com base na Argélia, acabou por empurrar os jihadistas argelinos para o Sahel.

A complexa posição da Argélia no Sahel também resulta do papel que é atribuído a Argel no apoio às revoltas Tuareg, tanto no Mali como no Níger, no âmbito dos esforços argelinos para combater o domínio líbio do Saara. A Argélia foi mais tarde mediadora nos acordos de paz que puseram fim aos distúrbios no Mali em 1991 e 2006.

Em 2008, o Presidente do Mali, Amadou Toumani Touré, acusou o presidente argelino de não conseguir manter o controlo dos seus serviços de inteligência, afirmando que estes agiam por conta própria no Sahel e alimentavam as tensões regionais. Os governos do Sahel também suspeitam das intenções da Argélia, ao querer impor o seu domínio sobre as operações de contraterrorismo e as lucrativas ro-

tas de contrabando através de uma região que pode conter gás natural ou recursos minerais. No final de Dezembro de 2010, temendo um golpe de estado, o Presidente Touré substituiu no norte do Mali oficiais do exército suspeitos de estarem às ordens da Argélia.

“o investimento excessivo da Argélia na segurança e na energia impediu-a de tirar partido da sua localização estratégica como porta de entrada no Sahel e na África subsaariana”

A credibilidade regional da Argélia é posta em causa por uma série de paradoxos. A Argélia possui uma das forças militares mais capazes do Magrebe e orgulha-se de ter esmagado a violenta insurgência de extremistas islâmicos da década de 1990. No entanto, tendo sofrido 938 atentados terroristas desde 2001, a Argélia continua a registar níveis mais elevados de violência terrorista que outros países do Magrebe ou do Sahel (na Mauritânia ocorreram 20 atentados, 35 no Níger e 41 no Mali durante o mesmo período). A Argélia continua deste modo classificada entre os países em “risco extremo” de terrorismo, ao nível da Colômbia e da Somália.⁶

A Argélia, por seu lado, tem uma atitude ambivalente quanto a combater agressivamente o terrorismo no exterior das suas fronteiras. O governo construiu uma reputação internacional como o Estado mais firme da região na luta contra o terrorismo e o extremismo islâmico, o que aumentou substancialmente a importância geoestratégica da Argélia e também o interesse em manter a ideia de que existe uma ameaça permanente, em particular tratando-se de algo próximo mas que não representa um risco imediato para o regime argelino.

Apesar da sua reputação de combate sem tréguas contra o extremismo, o exército argelino raramente se envolveu em combates militares no exterior das suas fronteiras e tem-se mostrado reticente a participar em operações com os países vizinhos contra a AQMI. Na realidade, a Argélia não tem uma presença militar forte na sua região sul. O ataque da AQMI em 30 de Junho de 2011 contra as forças de segurança argelinas, na província de Tamanrasset, que matou 11 polícias e guardas de fronteira, e o sequestro de um turista ital-

iano em Fevereiro de 2011, em Djanet, revelaram a vulnerabilidade do estado argelino nesta região. As operações de contraterrorismo estão antes concentradas nas províncias do norte, Cabília e Argel. À semelhança dos seus vizinhos do Sahel, o governo argelino não consegue manter o controlo de todo o seu território. Assim, a realidade no terreno contraria bastantes vezes as afirmações do governo de superioridade militar e experiência operacional em zonas desérticas.

Os vizinhos mais pobres da Argélia no Sahel são também muitas vezes o terreno de jogo das rivalidades permanentes entre magrebinos. Mas ao contrário de Marrocos e da Líbia, que investiram fortemente no Sahel e na África subsaariana, o investimento excessivo da Argélia em matéria de segurança e energia impediu-a de tirar proveito da sua localização estratégica como porta de entrada no Sahel e na África subsaariana.

A título de exemplo, a auto-estrada Transsaariana (“Auto-estrada de Unidade Africana”) foi muito elogiada como um símbolo das ligações da Argélia ao Sahel. Este importante eixo Norte-Sul foi projectado em 1971 para percorrer uma distância de 3 mil quilómetros na Argélia até às regiões periféricas do norte do Mali e Tuaregue. No entanto, a construção parou em Tamanrasset, em 1978, em vez de continuar até à África Ocidental como originalmente planeado.⁷

UM ESTADO DOMINADO PELOS MILITARES

Para compreender a obsessão do governo argelino em matéria de segurança importa reconhecer o papel central que o exército desempenhou na construção do Estado. A guerra de independência de 7 anos (Novembro de 1954 a Julho de 1962) lançou as bases de violentos confrontos entre milícias e civis no seio da resistência argelina. Três anos após a independência, o golpe de estado de Junho de 1965, liderado por Houari Boumédiène, marcou a ascensão dos militares e o início da era de partido único que resultou na criação de um estado securitário, em que as medidas de coerção e manutenção da ordem pública prevaleceram sobre o poder das instituições. Após o golpe de estado de 1992, que marcou o fim da primeira experiência democrática da Argélia e preparou o terreno para a guerra civil da década de 1990, a declaração do estado de emergência que se prolongou por 19 anos, sem aprovação parla-

mentar, até à sua anulação oficial em 2011, foi uma das ferramentas usadas para justificar mandatos e uma autoridade abrangentes das forças de segurança.

A economia de guerra gerada pela violência islâmica na década de 90 e a posterior repressão de civis não só contribuiu para manter a falta de transparência na governação da Argélia como expandiu as redes de corrupção (conhecidas por *trabendo*), criando uma “economia de bazar” de tipo mafioso.

A aparente retirada do exército da vida política, no início de 2000, protegeu os militares da responsabilização pelos abusos que o governo civil foi, seguidamente, cometendo. No entanto, ordenando mas não governando,⁸ os militares têm mantido as suas prerrogativas na formulação e execução de políticas no âmbito externo e interno. Assim, a “desmilitarização da política” a partir de 2000, que podia ter inaugurado uma nova era nas cúpulas do estado, na realidade apenas perpetuou o “estado bunker.”⁹

“tendo beneficiado, até certo ponto, da sua postura firme na luta contra o terrorismo, a Argélia tende a contemplar todas as ameaças de segurança no Sahel pelo prisma do terrorismo”

Isto foi evidenciado pelo aumento global do esforço de contraterrorismo após 2001, que resultou, nos últimos dez anos, num aumento sem precedentes dos gastos militares da Argélia. Em apenas três anos o orçamento de defesa triplicou, atingindo os 5,3 mil milhões de dólares em 2009. As exportações militares norte-americanas para a Argélia quase quadruplicaram na década a seguir a 2001, ascendendo a 800 milhões de dólares.¹⁰ O orçamento de defesa do país ocupa o nono lugar na classificação mundial, o primeiro no Magrebe, e o segundo no continente africano a seguir à África do Sul.¹¹ A Rússia é o maior fornecedor de armas da Argélia. Em 2006, a Argélia negociou a compra a Moscovo de equipamentos no valor de 7,5 mil milhões de dólares a troco do cancelamento de aproximadamente 4,7 mil milhões de dólares de dívida e em 2010 assinou um acordo para a compra de 16 aviões de combate Sukhoi.¹²

Tendo beneficiado, até certo ponto, da sua postura firme na luta contra o terrorismo, a Argélia tende

a contemplar todas as ameaças de segurança no Sahel pelo prisma do terrorismo.

A nível interno, apresentar o terrorismo como uma ameaça furtiva, indefinida, que é extensível no tempo e no espaço, é uma forma de sujeitar a sociedade argelina a medidas de segurança excepcionais, mantendo *de facto* um estado de emergência permanente, e uma forma de adiar indefinidamente qualquer transição para a democracia. Ao associar o contra-terrorismo à estabilidade e equiparar o islamismo à insegurança, o governo argelino tem conseguido perpetuar e consolidar o seu autoritarismo.

Aqui reside o maior paradoxo do discurso argelino de segurança: por depender da capacidade coerciva do estado, o governo agrava a sua falta de legitimidade. Por este motivo, o governo é forçado a justificar constantemente as suas acções tanto a nível nacional como no exterior. Assim, embora a Argélia pareça estável e forte, na verdade é um estado fraco que tem dificuldade em controlar o seu território, defender as suas fronteiras, proteger os seus cidadãos e resolver problemas sociais que se têm manifestado em todo o país na última década sob a forma de tumultos, manifestações, greves e, mais recentemente, auto-imolações. De acordo com o ministro argelino do Interior registaram-se mais de 9 000 incidentes só em 2010.¹³

MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA MELHORAR A COOPERAÇÃO EM QUESTÕES DE SEGURANÇA NO SAHEL

A queda do regime de Kadafi e o elevado risco de instabilidade que dela resultou deram um novo impulso à cooperação no domínio da segurança entre o Magrebe e o Sahel. Todos os estados destas regiões reconhecem os desafios substanciais que enfrentam e a necessidade de uma abordagem nova para os vencer, designadamente a Argélia, que, por temer a propagação do extremismo, se vê mais vezes obrigada a tomar medidas no Sahel do que em qualquer outro momento na última década. No entanto, as ambições de liderança da Argélia só serão credíveis e viáveis quando for definida uma visão estratégica mediterrânica e africana comum.

Diversificar os Esforços Regionais de Contra-terrorismo. Considerando que a ameaça que pesa sobre a região do Sahel é a ameaça do *narcoterrorismo*, as forças de segurança não serão, por si sós, capazes

de a combater nem de construir alianças sustentáveis. É essencial definir uma política de países vizinhos, de longo prazo, em que todos possam ficar a ganhar:

- ◆ Graças aos abundantes recursos financeiros de que dispõe, a Argélia está em posição de tirar partido do vazio económico subregional criado pela queda de Kadafi, investindo fortemente em iniciativas de desenvolvimento local nas áreas mais carenciadas do Saara-Sahel, ou seja, nos territórios Tuareg e Tubu, e outras zonas transfronteiriças sem governo. Tal investimento criaria emprego e oportunidades para as populações, reduzindo os atractivos da actividade criminosa e dos apelos extremistas, e contribuiria para demonstrar um compromisso genuíno e uma partilha de interesses com os países vizinhos.
- ◆ O aprofundamento da integração económica entre parceiros magrebinos, sahelianos e subsaarianos através de projectos de construção de infraestruturas comuns, como estradas, caminhos de ferro e gasodutos, também melhoraria a acessibilidade das regiões marginalizadas. Os 69 milhões de dólares do Programa Especial para a Segurança, Paz e Desenvolvimento no norte do Mali, que faz parte da estratégia de segurança nacional que o Mali adoptou em 2009, destinada a conter o extremismo, é um modelo deste tipo de investimento, assim como o Programa para a Prevenção de Conflitos e Consolidação da Coesão Social da Mauritânia, liderado por negros mauritanos repatriados, que visa defender os direitos das populações marginalizadas.

Compromissos Conjuntos das Forças no Sahel.

Devem ser criados urgentemente batalhões intra-regionais capazes de realizar operações conjuntas ao longo das áreas fronteiriças. O combate ao terrorismo e às ameaças transnacionais não pode continuar a ser entendido com base na inviolabilidade das fronteiras. Pelo contrário, os esforços de estabilização devem ser estruturados em torno de zonas regionais integradas que se debatem com os mesmos problemas. Neste

sentido, a estrutura da força intra-regional deve desenvolver uma capacidade de partilha de informações mais eficiente, uma vez que, dada a natureza da ameaça, a monitorização de informações é mais crucial do que em operações militares convencionais.

Estas patrulhas conjuntas de segurança devem incluir os tuaregues. As tácticas violentas da AQMI não têm seduzido a grande maioria das pessoas que vivem nas regiões fronteiriças. Porém, a capacidade do grupo para mobilizar um apoio popular significativo está a causar preocupação entre os líderes locais. A participação tuaregue no esforço de estabilização permitiria tirar proveito do seu profundo conhecimento do terreno e da população, e permitiria que os Tuareg (incluindo aqueles que recentemente regressaram da Líbia) desempenhassem um papel dinâmico na defesa dos seus territórios nómadas tradicionais. Do ponto de vista operacional também melhoraria a prontidão e a precisão militar contra um inimigo que é móvel, flexível e dinâmico.

Entretanto, considerando a importância do tráfico de drogas para as operações da AQMI, o território das operações de segurança deve ser ampliado para além do Sahel e envolver o Burkina Faso, Senegal, Marrocos, Gana, Guiné, Guiné Bissau e Nigéria, todos eles países centrais no tráfico de cocaína através do continente.

Redução do Papel dos Militares na Política da Argélia. A Argélia não poderá manter indefinidamente o seu sistema de governação assente nos militares. Desconfiando das elites políticas e militares, os argelinos não acreditam nas reformas anunciadas pelo presidente Abdelaziz Bouteflika em Abril de 2011, em resposta à crescente pressão interna de organizações pró-democracia. A coacção exercida pelas forças armadas e os serviços de informações, aliada ao controlo exercido pelos militares sobre a actividade económica e social, tem gerado um profundo ressentimento no seio da sociedade argelina, aumentando o risco de agitação social.

Após as mudanças de regime na Tunísia, Egipto e Líbia, é de esperar que a pressão aumente. Além disso, a experiência de transições militares na América Latina, Coreia do Sul e Indonésia mostra que é do interesse dos militares liderarem o processo de reforma em vez de esperarem que a situação mude e evolua por si própria.¹⁴ Apesar de serem vistas como uma ameaça, as mudanças no contexto regional oferecem de facto ao governo militar a oportunidade de proceder a uma transferência

digna do poder e de pôr fim a um estado de emergência *de facto* e quase contínuo, que se revelou dispendioso, limitativo e, em última análise, contraproducente. São necessárias três condições para realizar as reformas:

- ◆ Os militares de alta patente no activo devem retirar-se da actividade económica e ser privilegiado um sector privado verdadeiramente competitivo, a fim de construir uma economia mais dinâmica, baseada na inovação, no mérito e no estado de direito, capaz de atrair o investimento internacional.
- ◆ Deve ser abandonada a cultura da violência política apresentada como necessária para acabar com os grupos terroristas.
- ◆ A maior parte das extensas receitas do governo deve ser investida em infra-estruturas e serviços que beneficiem a população em geral, de modo a alcançar melhorias concretas nos níveis de bem-estar e, assim, reforçar a estabilidade interna.

NOTAS

¹ “Une réunion secrète des cartels de la drogue en Guinée Bissau, AQMI présente,” *Sahel Intelligence*, 3 de Novembro de 2010.

² Laurence Aïda Ammour, *Flux, Réseaux et Circuits de la criminalité organisée au Sahara-Sahel et en Afrique de l’Ouest*, Cahier du Cerem No. 13 (Paris: IRSEM, December 2009), 72; Prince Ofori-Atta, “Nigeria: al-Qaeda Presence in Nigeria has been Kept Under Wraps,” *Afrik-News*, 3 de Agosto de 2009.

³ “Aqmi: pourquoi Bamako refuse d’y aller,” *Jeune Afrique*, 24 de Setembro de 2010.

⁴ Cédric Jourde, *Sifting Through the Layers of Insecurity in the Sahel: The Case of Mauritania*, Africa Security Brief No. 15 (Washington, DC: NDU Press, Setembro de 2011).

⁵ Laurence Aïda Ammour, *La Mauritanie au carrefour des menaces régionales*, Notes Internacionais No. 19 (Barcelona: Barcelona Centre for International Affairs, Outubro de 2009). Devido à constante rivalidade entre os magrebinos para obter influência, Aziz efectuou posteriormente uma viagem a Argel em Dezembro de 2011.

⁶ 2011 Terrorism Risk Index, British Maplecroft, August 3, 2011, disponível em <http://maplecroft.com/about/news/terrorism_index_2011.html>.

⁷ Novamente na agenda 36 anos depois, prevê-se que os dois troços de estrada em direcção à fronteira com o Mali (Tamanrasset-Timiauouine and Tamanrasset-Tinzaouatine) fiquem concluídos até 2014.

⁸ Steven Cook, *The Military and Political Development in Egypt, Algeria, and Turkey*. (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007).

⁹ Clement Moore Henry and Robert Springborg, *Globalization and the Politics of Development in the Middle East*, (New York: Cambridge University Press, 2010).

¹⁰ “Algeria Country Report,” Center for Defense Information, 2007.

¹¹ *SIPRI Yearbook 2010: Armaments, Disarmaments and International Security* (Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute, 2010).

¹² Antonio Sánchez Andrés, “Political-Economic Relations Between Russia and North Africa,” Real Instituto Elcano, 7 de Novembro de 2006.

¹³ Idir Tazerout, “Ce que nous réservent les 20 prochaines années,” *L’Expression*, 24 de Julho de 2011; Claire Spencer, “Algeria: North Africa’s Exception?,” Chatham House, 30 de Agosto de 2011, disponível em <www.chathamhouse.org/media/comment/view/177887>.

¹⁴ Stephen Haggard and Robert R. Kaufman, *The Political Economy of Democratic Transitions* (Princeton: Princeton University Press, 1995).

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Director: Embaixador (reformado)
William M. Bellamy
National Defense University
300 Fifth Avenue, Building 21
Fort McNair
Washington, DC 20319-5066
Telefone: + 1 202 685-7300
Website: www.africacenter.org

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM DAKAR

Vice-Gerente Regional:
Claude Toze
Telefone: 221 33 869 61 60
Email: TozeC@ndu.edu

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM ADIS ABEBA

Gerente Regional:
Brad Anderson
Telefone: 251 11 517 4000
Email: AndersonBG@state.gov

RESUMOS DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

Editor: Dr. Joseph Siegle
Telefone: + 1 202 685-6808
Email: SiegleJ@ndu.edu

O Centro de Estudos Estratégicos de África apoia o desenvolvimento de políticas estratégicas dos EUA que visam a África, oferecendo programas académicos de alta qualidade e relevantes, fomentando a consciencialização e o diálogo sobre as prioridades estratégicas dos EUA e assuntos relacionados com segurança em África, criando redes de líderes militares e civis africanos, americanos, europeus e internacionais, assistindo as autoridades dos EUA na formulação de políticas eficazes para África e articulando as perspectivas africanas a autoridades dos EUA.



O Resumo de Segurança de África apresenta pesquisa e análise de especialistas do CEEA e eruditos, com o objectivo de avançar a compreensão das questões de segurança Africanas. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ou qualquer outro órgão do Governo Federal. Para mais informações sobre o CEEA, visite o Web site <http://www.africacenter.org>.

AFRICA CENTER FOR STRATEGIC STUDIES



<http://www.africacenter.org>

ISSN 2164-4039

